



A PÓS-VIDA DO MITO: CONSUMO E ENCRUZILHADAS DO DIABO NA SÉRIE LÚCIFER

Hertz Wendel de Camargo – hertzwendel@gmail.com

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil; <http://orcid.org/0000-0003-4639-0553>

Nathalia Akemi Lara Haida – akemihaida@icloud.com

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-8140-9884>

Crystian Eduard Kühl – cryyskuhl@gmail.com

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3774-3794>

RESUMO: Há muito tempo a Igreja Católica construiu a entidade Diabo como o responsável por todo o mal do mundo. Tal representação perdurou durante os anos, se modificou e se ressignificou, chegando hoje à mais recente construção do Diabo através da série *Lucifer* da Netflix. Diante deste cenário o objetivo desse artigo é compreender os efeitos e motivos do sucesso da série. Buscamos relacionar o Diabo histórico com o personagem da série; identificar quais características da sociedade contemporânea que se destacam em *Lucifer*; e analisar a reconstrução do imaginário do Diabo. Para atingir esses objetivos utilizamos a metodologia de estudo de caso, realizando uma análise que buscou obter novas perspectivas e reflexões entre o objeto e a teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Diabo; *Lucifer*; Mito; Imaginário.

1 INTRODUÇÃO

Estamos diante da pós-vida do mito na cultura, os mitos não desapareceram, eles resistem na linguagem e na estrutura narrativa midiática, nos rituais de diferentes formas de consumo, no imaginário cultural. É no decorrer do seu consumo que os sentidos são postos em circulação, em movimento centrífugo e igualmente espiralado. No campo da produção há um enovelamento dos sentidos, uma condensação de signos. Ao serem consumidos, tais quais como um novo, são desafiados, e suas complexidades transformadas em traços, linhas, fios para os quais o espectador encontra outras conexões e significados.

A noção de circulação busca corrigir o fato de que as coisas são apreendidas em uma parte reduzida do seu trajeto, a compreensão do circuito efetuado pelas coisas é complexa e dificilmente alcançada. Em geral, as coisas só são apreendidas por um momento e se perdem no caudal do seu curso. A noção de circulação comporta várias possibilidades e muitas variantes, pois é a noção de circularidade aberta que está em jogo, na forma de uma espiral (DRAVET; CASTRO, 2014).

A partir de tais pressupostos e considerando que: a) O imaginário é uma estrutura antagônica e complementar sem a qual não haveria o real para o homem ou nem mesmo a realidade humana (MORIN, 1997); b) a informação circulante espalha-se, multiplica-se, se polimorfiza em circuito feno-eco-organizacional cada vez mais vasto, diverso e complexo (MORIN, 2005); e c) as culturas – religiosa, nacional, humanista e de massa – também circulam entre si, se alimentam e se retroalimentam (DRAVET; CASTRO, 2014), propõe-se analisar a série *Lucifer* da Netflix como um exemplo de circulação do arquétipo do Diabo e interpretar a reconstrução pela qual essa entidade mítica percorre.

Desde os primórdios, a Igreja católica responsabilizou a entidade conhecida como Diabo por todo o mal do mundo. Nesse período o Diabo ficou conhecido como protagonista de tudo que existe de ruim. Através dos tempos o imaginário em torno da sua figura transitou por diversas mudanças interpretativas, chegando a mais atual representada e construída pela série de sucesso *Lucifer*. *Lucifer* é uma série televisiva que estreou em na Fox em 25 de Janeiro de 2016 e neste ano foi comprada pela Netflix. De acordo com uma pesquisa realizada pela Parrot Analytics¹ em Maio deste ano, a quarta temporada da série *Lucifer*, produzida e lançada pela Netflix ocupou o primeiro lugar dentre as séries com tema sobrenatural mais assistidas. E também no mês de maio deste ano, na semana do dia 6, segundo a TV Time², maior *mídia tracker* do mundo³, *Lucifer* ocupou a posição de série mais assistida do mundo, batendo a atual campeã *Game of Thrones*.

Diante disso através da metodologia de estudo de caso definimos como questão de estudo e objetivo dessa pesquisa compreender porque a série *Lucifer* obteve sucesso mundial. Como proposição de estudo e questionamento: se *Lucifer* ocupou a posição de série mais assistida do mundo estaríamos cultuando o Diabo? Tais dúvidas incitam essa pesquisa a limitar sua unidade de análise a série *Lucifer* e sua representação, relacionando-a com a sociedade contemporânea. Para atingir tais objetivos buscamos compreender a construção do imaginário do Diabo, juntamente com a análise das características da sociedade contemporânea, neste artigo abordada pelo viés dos conceitos da sociedade de consumo. Estudamos então estes elementos isolados a partir de uma “epistemologia da encruzilhada” (DRAVET, 2018) com vistas a destacar as relações entre teoria e fenômeno contemporâneo. Afinal a série analisada é uma encruzilhada de sentidos onde reside o Diabo, suas representações, seu imaginário, entre outros sentidos culturalmente arraigados na memória coletiva. Através dessa percepção que visa cruzar teorias e estudos, é a partir dos nós onde esses conhecimentos de cruzam que vamos obter inferências e criar novas relações e reflexões entre objeto e teoria.

¹ Disponível em: <https://www.parrotanalytics.com/press/lucifer-returns-to-take-top-spot-on-parrot-analytics-digital-originals-chart/> Acessado em: 08 ago. 2019.

² Disponível em: <https://www.tvtime.com/article/binge-report-week-of-may-6-lucifer-game-of-thrones> Acessado em: 08 ago. 2019.

³ Disponível em: https://www.tvtime.com/pt_BR Acessado em: 28 set. 2019.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

A série *Lucifer* é baseada no personagem do famoso escritor Neil Gaiman (autor de diversas obras famosas como *Deuses Americanos* e *Lugar Nenhum*), pensado para os quadrinhos *Sandman*, o personagem acabou como protagonista do spin-off *Lúcifer*, escrito por Mike Carey, ambos foram publicados pela Vertigo, da DC Comics. Com uma legião de fãs dos quadrinhos *Lucifer* foi para as telas em 25 de Janeiro de 2016 através da Fox, nos Estados Unidos. A primeira temporada conta com 13 episódios e discorre sobre como o Diabo nomeado de *Lucifer Morningstar* está entediado e infeliz, diante disso ele decide vir para a terra tirar férias em Los Angeles. Assim ele comanda uma casa noturna chamada *Lux*, juntamente com o demônio *Mazikeen*. Ele também atua como consultor do departamento de polícia de Los Angeles, ajudando a detetive *Decker* a resolver assassinatos. *Chloe Decker* é imune aos encantos naturais e sobrenaturais de *Lucifer*, fator que o intriga e o faz encantar-se por ela.

Em 7 de abril de 2016 a Fox anunciou a segunda temporada com 18 episódios, nesta temporada uma nova figura é introduzida a trama, a mãe de *Lucifer*, que seria a deusa de toda a criação e esposa de Deus. Segundo a série Deus e sua esposa criaram o universo juntos e por desobediência ela teria sido banida para o inferno, com a saída de *Lucifer* de lá, ela teria sido solta podendo assim vir para o mundo terrestre.

A terceira e última temporada produzida pela Fox conta com 26 episódios, e estreou em 2 de outubro de 2017. Nesta temporada temos a introdução do personagem bíblico *Caim*, conhecido como o primeiro pecador - por ser o primeiro assassino do mundo, matando seu irmão *Abel* - condenado a viver para sempre. Nesta temporada *Lucifer* inicia uma trama psicológica de questionamentos sobre seu livre-arbítrio.

Com o cancelamento da série em maio de 2018 os fãs iniciaram uma campanha online em prol do salvamento da série, com a hashtag *#SaveLucifer* (*#SalveLucifer*) que chegou ao topo dos trend topics no twitter⁴, assim um mês e quatro dias após seu cancelamento a série foi comprada pela Netflix⁵ que em homenagem aos fãs deu o nome *Save Lucifer* ao penúltimo episódio da quarta temporada, estreando em 8 de maio de 2019 com 10 episódios e possuindo uma narrativa diferente da anterior, porém preservando os aspectos de sucesso da série. Nesta temporada a Netflix focou muito mais nas dinâmicas e reflexões do personagem *Lucifer* do que nos assassinatos que caracterizavam a série como uma trama policial e sempre aconteciam em paralelo. Como grande promessa e novidade para a série eles introduziram a personagem *Eva*, e através dela abordaram questões de igualdade de gênero. A quarta

4 Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/series-e-tv/2018/05/lucifer-fas-protestam-cancelamento-e-viram-assunto-mais-comentado-do-twitter> Acessado em: 17 de agosto de 2019.

5 Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/series/cancelada-pela-fox-serie-lucifer-ganha-quarta-temporada-na-netflix-20965> Acessado em: 17 de agosto de 2019.

temporada foi um sucesso de audiência alcançando o topo em diversas mídia trackers pelo mundo e por fim dia 06 de julho de 2019 a Netflix anunciou uma quinta e última temporada com 16 episódios.

2.1 WHO THE HELL IS LUCIFER?

A série discorre sobre Lucifer Morningstar, o Diabo, que vem para a Terra, viver uma vida de prazeres e luxúria. O Diabo é mostrado como um personagem niilista, e a partir do subjetivo do Lucifer a série se desdobra em discussões filosóficas sobre o livre arbítrio e mostra a luta do Diabo em uma busca de se livrar do controle exercido nos seres por Deus. Lucifer é representado como uma pessoa sempre agitada e inquieta, preocupada com os pensamentos dos outros sobre sua imagem e extremamente hiperativo, o Diabo é ansioso. Ele também transita entre suas capacidades de ser bom ou não, há falta de crença em si mesmo e em seus princípios, indícios da síndrome do impostor - descrito pela psicologia como um fenômeno pelo qual pessoas sofrem de incapacidade ilusória e dessa forma subestimam a si e a suas habilidades -. Lucifer teme o amor e o apego, ele esconde seus sentimentos e isso é enfatizado em suas sessões de terapia, durante a série ele demonstra que a raiz de seus maiores problemas está na relação conturbada com seus pais, existem mágoas e situações mal resolvidas que o influenciam por centenas de anos e tais fatores refletem diretamente em sua personalidade.

O personagem Lucifer é a reatualização do trickster, personagem mítico presente em diversas mitologias que tem como principais características a esperteza, a trapaça, a sátira, o hedonismo, o trânsito entre o humano e o divino. Todas essas características humanizam o Diabo, são traços psicológicos e sentimentos humanos que tornam Lucifer Morningstar carismático e próximo ao público. A construção da série apresenta o antagonista de Deus como um personagem bem humorado e mal compreendido, que teria cometido um único pecado: questionar.

2.2 VOCÊ CONHECE O DIABO?

Para entender a origem do Diabo e seus arquétipos buscamos as fontes de suas representações mais simbólicas, a sua primeira aparição foi no Antigo Testamento e na Mesopotâmia. Durante dois mil anos a cultura cristã define o Diabo como a personificação do mal e o coloca em oposição ao Deus judaico-cristão. Nesse sentido na tradição cristã o Diabo exerce o papel de Anticristo. Na Bíblia Cristã, no Antigo Testamento (Jó, 1:6) ele é chamado pelo nome Satanás (em hebraico originalmente o “acusador”) e é reconhecido como um dos filhos de Deus. No Novo Testamento este é apresentado como um antigo dragão, uma serpente chamada de Diabo e Satanás (Apocalipse 12:9; 20:2), ainda neste testamento é reconhecido como o príncipe dos demônios, nomeado Belzebu (Mateus 12:24; Marcos

3:22). Na Bíblia hebraica tais trechos apareceram nomeando-o como “sátiro” e demônio”. Dessa forma na definição bíblica original o Diabo estaria relacionado à um sátiro, ou a uma entidade demoníaca, para a qual realizavam-se sacrifícios.

Segundo Laurence Gardner (2013) nas tabuletas da Mesopotâmia antiga temos as referências mais antigas sobre os demônios, com mais de três mil anos de idade. Desde os primórdios reconhecia-se o mundo como um lugar de opostos, no qual o bem e mal residiam e viviam em conflito. Assim os emissários divinos eram reconhecidos como gênios e semideuses, mais tarde chamados de anjos, estes podiam ser bons ou maus, e quando decidiam pela segunda opção eram chamados de demônios. Estes seres eram em sua essência, travessos, malvados, com aparências feias e dotados de poderes. Responsáveis por causar dor, angústia, incômodo e sofrimento.

Começamos a consolidar a primeira imagem do Diabo, um ser diabólico, poderoso o suficiente para antagonizar Deus. Satanás sempre aparece no Antigo Testamento como um filho obediente, Deus permite sua existência mesmo que reprove seu comportamento, dessa maneira justificando que nem mesmo o mal poderia existir sem o consentimento Dele. Nesse mesmo sentido explica a tendência dos seres humanos à maldade. Assim encerram-se as aparições do Diabo na bíblia, este aparece como tentador, promotor de justiça no tribunal celestial, um filho rebelde, mas em momento nenhum é desenhado o arquétipo do Diabo que foi construído pela Igreja no decorrer dos anos.

Para entendermos a evolução do arquétipo do Diabo, conceituamos a categoria de “anjo caído” a qual ele comumente é associado. Durante o período intertestamentário - o espaço de tempo entre o Antigo e o Novo Testamento - consolidou-se a ideia de que alguns anjos poderiam cair em desgraça, e nesse sentido eles seriam expulsos do céu, para isso ocorrer eles precisariam praticar ações contrárias às vontades e virtudes de Deus. Juntamente desenvolve-se a crença de que o inferno é algo inferior, abaixo de nós, tal local é descrito pela bíblia como um abismo para o qual seres perversos são enviados. Temos por fim o Diabo como o guardião do inferno, sendo assim príncipe deste outro reino, o dos mortos.

Seguimos para o Diabo do Novo Testamento e do Corão, a primeira história a ser atualizada no Novo Testamento, foi a de Adão e Eva. Segundo a Bíblia Adão foi o primeiro homem criado por Deus e da sua costela foi feita Eva, sua mulher. Ambos viviam no paraíso, no qual existia uma árvore com um fruto proibido, tal fruto forneceria o conhecimento do bem e do mal, certo dia uma serpente persuadiu Eva a provar do fruto proibido e ela convenceu a Adão, dessa forma ambos cometeram o pecado de desobedecer a Deus, assim Adão foi expulso do paraíso e Eva o seguiu. Como castigo Eva foi condenada a sentir dor ao dar a luz e a partir desse instante todos os homens nasceriam em pecado e por fim morreriam, cometendo outro pecado. Pois ao comer do fruto proibido, Deus privou Adão e Eva de comerem do fruto da vida eterna, condenando-os à morte, o pecado final. Nesse sentido ao reconstruir o Novo Testamento a Igreja consolidou o papel da serpente como o Satanás e este seria por fim o

responsável por tentar Eva e convencê-la a provar do fruto proibido, tais fatores atribuem ao Diabo o poder de confrontar Deus e interferir em seus planos divinos. A partir desse momento o príncipe das trevas passa a ser o responsável pelos pecados do mundo, sendo aquele que influencia os homens para o mal.

Ao analisarmos a representação visual do Diabo, a partir deste momento ele assume três formas: a primeira como um anjo com asas de morcego, devido a seu reconhecimento como anjo das trevas; a segunda como um sátiro ou um bode, com chifres e cascos, referindo-se às descrições da bíblia hebraica; por fim ele ganha uma terceira simbologia, a de serpente, ela já foi mencionada anteriormente, mas consolida-se com a história de Adão e Eva, o Diabo é por fim uma serpente dragão, coberta de escamas e possuindo garras. Nos anos seguintes essas três representações simbólicas circularam, se misturaram e criaram o arquétipo da presença satânica do Diabo.

Surge por fim um dilema, como Deus e o Diabo habitavam o Éden simultaneamente, e como o próprio Deus teria sido o criador do Satanás, logo do mal mundo. Assim em 1925 (Catholic Encyclopedia, volume IX, em Diabo) a Igreja estabeleceu duas ordens, a primeira de que Deus criou dois tipos de criaturas, as espirituais e as corpóreas; a segunda de que todos os seres vivos foram feitos bons por natureza e eles mesmos fizeram a si malignos. Neste momento a doutrina cristã retira a responsabilidade da maldade do mundo de Deus e também caracteriza o Diabo como um ser inferior a Deus, pois foi criado pelo mesmo. A primeira e única aparição direta de Satanás na Bíblia ocorre no Novo Testamento, quando este busca tentar Jesus, fazendo diversos desafios e ofertando a terra para o filho de Deus, nesse momento o Diabo ganha a característica de tentador, ele é responsável por testar os homens e sua obediência à Deus. Consolida-se também seu papel como Anticristo, sendo assim responsável por uma ira da qual os fiéis poderiam ser salvos. Um discurso que favoreceu à Igreja, firmando a dependência entre os seguidores e os bispos e trazendo uma ameaça que só poderia ser evitada com obediência cega. Nesse sentido a Igreja tornou-se a ponte entre Deus e as pessoas, e aquelas que opunham-se às ideias da doutrina cristã passaram a ser chamadas de “satanistas”, “anticristos”, “ateus” e “infieis”.

Dentre os capítulos do Novo Testamento o que mais associa-se ao Diabo até os dias de hoje é o Apocalipse. João descreve em seus versículos o Dia do Julgamento Final, no qual ocorre uma batalha entre o bem e o mal, e o Anticristo iria liderar as forças das trevas e os anjos caídos, contra as forças da luz. Neste momento Satanás ganha a posição de rei dos demônios e assume o papel da maior ameaça contra o mundo, dando base para as tradições satânicas e para as superstições relacionadas ao Diabo. E neste dia os homens bons se juntarão ao lado divino e caminharão para a vida eterna no paraíso e os pecadores irão para o reino das trevas, vivendo a danação eterna no inferno. O Vaticano estabelece então quais regras devem ser seguidas para alcançarmos a divindade, ao definir tais parâmetros fundamenta-se uma estratégia política muito bem planejada e que mantém tal doutrina em vigor até os dias de hoje. O

nome Diabo então passa a personificar às tentações do lado obscuro e às maldades no mundo, mas ele não faz aparições físicas nem mesmo tem sua aparência descrita. No Sínodo de Catargo, em 397 surge o Corão islâmico, uma nova obra de doutrina religiosa, nesta Deus é chamado de Alá e o Diabo é conhecido como seu oposto chamado de Shaitân. O Corão (Corão 2:35-39) discorre que Alá criou Adão como seu representante na Terra e instruiu os anjos a curvarem-se diante dele. Todos obedeceram exceto Shaitân, que além de negar-se seduziu Adão e Eva a comerem o fruto proibido da Árvore da Transgressão. Ainda no Corão, Shaitân é acompanhado por shaitâns, que seriam o sinônimo dos demônios na bíblia. Exceto essa aparição às outras menções ao Shaitân no Corão são mais advertências contra sua influência maligna.

Mapeamos por fim o Diabo da Bíblia hebraica, do Novo Testamento e do Corão islâmico. Observamos que mesmo presente nas principais religiões monoteístas o Diabo ainda não possui as características que identificamos nos dias atuais, como um senhor das trevas, dotado de muito poder e responsável por medo e terror. Foram nos séculos VIII e IX que a figura do Diabo começou a consolidar-se, quando o batismo cristão, conhecido como a renúncia ao pecado e a Satanás, tornou-se também um ritual de exorcismo. Juntamente nos aproximamos do fim do primeiro milênio o qual seria marcado nas escrituras como o momento de libertação do anticristo, que teria sido aprisionado por mil anos. Assim por volta de 950 o monge Adso de Montier-en-Der escreveu a obra *Libellus de Antichristo*, que narraria o retorno do Diabo à terra. Assim inicia-se a construção do Diabo como o conhecemos, a partir da interpretação de Adso nos séculos seguintes decorreram as caça às bruxas, a Inquisição e a Era das Fogueiras. Observamos a influência de seus escritos em filmes como *Constantine*, *A profecia*, *O Chamado do Anticristo* e *O bebê de rosemary*. Nas palavras do autor:

Primeiro ele converterá reis e príncipes para sua causa e então, por meio destes, os outros homens. Ele atacará os lugares visitados por Nosso Senhor Jesus Cristo e destruirá tudo aquilo que o Senhor tornou famoso. Ele então enviará por todo o mundo seus mensageiros e missionários. Suas palavras e seu poderio se estenderão de um mar ao outro, de leste a oeste, de norte a sul. Ele também criará muitos sinais e prodígios grandiosos, nunca vistos até então. Ele fará descer do céu um fogo horrível, as árvores florescerão e secarão e o mar se tornará furioso e se acalmará repentinamente.

Ele transformará os elementos, inverterá o fluxo das águas, agitará o ar com ventanias de todas as maneiras possíveis e criará inúmeros outros eventos assombrosos. Ele levantará os mortos perante os homens, para confundir a todos, se possível, até mesmo os escolhidos. Pois vendo sinais de tamanha grandeza, até mesmo aqueles que são perfeitos e eleitos por Deus duvidarão, imaginando se ele não seria o Cristo que, de acordo com as Escrituras, virá no fim dos tempos.

Ele provocará uma perseguição universal contra os cristãos e todos os eleitos. Ele suplantar os fiéis de três maneiras: o terror, os presentes e os prodígios. Presenteará com ouro e prata aqueles que nele creem. Dominará aqueles que não puderem ser corrompidos pelo terror; aqueles que resistirem ao terror, ele tentará seduzir com seus sinais e prodígios. Aqueles que não puderem ser seduzidos com prodígios serão torturados cruelmente e mortos na frente de todos. Depois virão sofrimentos jamais vistos desde que foram criadas as nações.

E então aqueles que estão nos campos fugirão para às montanhas e aquele que está no telhado não descerá à casa para levar dela algo. E então cada cristão fiel que for descoberto negará a Deus, ou, caso se mantenha fiel, será morto pela espada, pela fornalha, por serpentes, por bestas ou por alguma outra espécie de tortura. Esse terrível tormento durará três anos e meio no mundo todo. E então os dias terminarão, para o bem dos eleitos, pois, caso Deus não termine aqueles dias, a humanidade não será salva.

As escrituras de Adso foram referência e ponto de partida para a construção do Diabo como o conhecemos nos dias atuais. Tais fatores desencadearam um momento denominado “febre do milênio” no qual muitas pessoas buscaram redimir-se por seus pecados doando seu dinheiro para a Igreja ou vendendo tudo que possuíam visando aproveitar os últimos dias. Assim multidões reuniam-se para confessar seus pecados e serem batizadas, dessa forma renunciando ao Diabo e todas as suas obras. Porém no dia previsto nada ocorreu e ao contrário do esperado isso não gerou uma descrença e sim uma prova de que o Diabo era tão poderoso que não seria capaz de ser identificado quando surgisse. Como citou o poeta Charles Pierre Baudelaire “o maior truque do Diabo é o de convencer o mundo de que ele não existe”. Instala-se então o medo da morte e tal fator torna-se essencial para o sistema prosperar, a partir desse momento as pessoas temem a pós-vida e devotam-se a uma vida ditada pela Doutrina da Salvação.

As discussões a respeito da criação do Diabo seguiam sem respostas, questionava-se o poder de Deus em relação ao seu inimigo e se este teria nascido mal ou se tornado mal. Assim Jeffrey Burton Russel em seu livro *Satan: The Early Christian Tradition* (1987) destaca a importância dos escritos do padre Clemente de Alexandria do século II, nos quais este descreve que Deus criou o Diabo bom, pois seria incapaz de odiar qualquer uma de suas criações e o próprio Satanás tornou-se mal por opção. Assim lutando diariamente para afastar as pessoas de Deus, porém o padre ressalta que assim como o anjo caído as pessoas também possuem livre-arbítrio e que ele pode apenas tentá-las mas não forçá-las a pecar. Posteriormente no século III o apologista cristão Lactantius teorizou que a existência de Deus tornava obrigatória a existência do Diabo, pois um não existiria sem o outro, em um mundo de livre-arbítrio, sem o mal seria impossível a escolha do bem.

2.3 A SOCIEDADE DA EFEMERIDADE

Entendemos a construção da imagem do Diabo e quais características determinariam o bem e o mal. Para então compreender a nossa sociedade contemporânea recorreremos a sociedade de consumo definida por Bauman (2007) para o autor nesse momento a atenção volta-se ao que queremos, desejamos e almejamos e principalmente como substâncias de nossas, vontades e anseios se alteram no curso e alteram o consumismo. Nesse sentido a apropriação e posse de bens que buscam garantir o conforto e o

respeito passam a ser as principais motivações dos desejos e anseios na sociedade dos produtores. Estes formam o principal modelo societário da forma “sólida” da modernidade, que tinha como foco a segurança. Uma era que para evocar disciplina e subordinação, baseou-se na padronização e rotinização do comportamento individual. Nessa era sólido-moderna da sociedade dos produtores, apenas os bens duráveis e resistentes poderiam oferecer essa segurança desejada. Com uma racionalidade linear a sociedade de produtores fazia sentido e apostava em ações a longo prazo, na segurança e durabilidade.

Tais fatores não combinam com a sociedade de consumidores, o desejo humano de estabilidade vai se ressignificar e tornar-se o maior risco para esse sistema. O consumismo inicia com um conceito contrário aos anteriores, com um discurso que associa a felicidade não tanto à satisfação de necessidades (como as mídias pregam) mas a um volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes, resultando em um uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados à satisfazê-la.

Stephen Bertman (1998) conceituou termos como “cultura agorista” e “cultura apressada” para definir a maneira como vivemos em nosso novo tipo de sociedade. Definições adequadas para o fenômeno líquido-moderno do consumismo, fenômeno que pode ser definido principalmente por sua (até então singular) renegociação do significado de tempo. Um tempo que deixa de ser cíclico ou linear, ele é definido como pontilhista, marcado pelas rupturas e descontinuidades. O tempo pontilhista é inconsistente e lhe falta coesão, ele é fragmentado em “instantes eternos”. Na visão de Maffesoli “A vida, seja individual ou social, não passa de uma sucessão de presentes, uma coleção de instantes experimentados com intensidades variadas” (2000, p. 16). Nesse modelo pontilhista não há espaço para o progresso, a ideia do “tempo da necessidade” foi substituída pelo “tempo de possibilidades”. E nesse sentido a demora passa a ser compreendida como o serial killer das oportunidades.

Dessa forma, o excesso e o desperdício tornam-se os condutores da sociedade consumista, visando suprir essas novas necessidades – impulsos, compulsões e vícios – oferecendo novos mecanismos de motivação, orientação e monitoramento da conduta humana. A promessa que movimenta essa sociedade e que é utilizada com frequência pelo marketing é a da felicidade. O principal valor do consumismo é uma vida feliz. Segundo Bauman (2007), talvez essa sociedade seja a única na história humana a prometer felicidade na vida terrena, aqui e agora e a cada “agora” sucessivo. Neste sentido, busca-se uma felicidade instantânea e perpétua. O que resulta em uma legitimação e exclusão da infelicidade, o sujeito que identifica-se com tal sentimento será excluído e desqualificado socialmente.

Consolida-se nesse ambiente a individualização, mascarada com a ideia de liberdade, essa formação social enfraquece e fragmenta os vínculos humanos. Tornando-se um meio para uma vida autocentrada, autorreferencial e egoísta. Bauman (2007) define o consumo como uma atividade solitária e o conceitua como o próprio arquétipo de solidão, mesmo em companhia ele se realiza só. E é a capacidade de cada um como consumidor que define seu status como cidadão. Nas palavras de Michel

Maffesoni (2000, p. 16): “sou o que sou porque os outros me reconhecem como tal”; destaca-se nessa afirmação que a vida social empírica é um conjunto de expressões de sentimentos de pertencimentos sucessivos. A sociedade de consumidores luta diariamente para estar à frente e, conseqüentemente, estar à frente significa segurança e certeza, características ausentes na vida de consumo. Todos os produtos gerados pela cultura consumista possuem uma data de validade, avisando de que a segurança adquirida é momentânea e precisará ser renovada. E simultaneamente é fornecido o poder da escolha, ou a ilusão desse poder, pois a escolha pode ser de cada um, mas realizar esta escolha é obrigatório.

A cultura consumista revoga os valores de dois conceitos: o da duração e o da efemeridade, assim se distanciando mais drasticamente da sua antecessora produtivista. A cultura consumista degradou a duração e elevou a efemeridade, o valor da novidade é maior que o da permanência. Ela altera não apenas a duração da sua vontade de realização, mas determina seu nascimento e sua morte. A síndrome consumista envolve os conceitos de velocidade, excesso e desperdício. O indivíduo na sociedade do consumo é por fim um indivíduo em movimento, onde o tempo é o responsável por ditar e direcionar todas as estruturas sociais, no sentido de sua preciosidade. O único bem que não podemos comprar nos faz viver a vida de forma como se ele não existisse.

2.4 METODOLOGIA

Segundo Yin (2001, p.32), o estudo de caso é uma metodologia para compreender dentro de um contexto da vida real, os fenômenos contemporâneos. Sendo um método qualitativo o estudo de caso possui três condições para ser aplicado segundo Yin (2001, p.19): primeiro deve ser levado em consideração o tipo de questão que será pesquisado; segundo qual o controle que o pesquisador possui sobre os eventos comportamentais; e por último a oposição entre fenômenos históricos e contemporâneos. Goode e Hatt (1979) definem o estudo de caso como um meio de organizar os dados sociais, preservando o caráter do objeto de pesquisa. Já para Stake (1994) o estudo de caso é a metodologia ideal para estudar entidades que se qualificam como objetos, e tal metodologia estaria ligada muito mais a escolha do objeto em si. Segundo Duarte (2005, p.217) há quatro características essenciais para aplicar o método: a primeira abrange o particularismo, assim o estudo deve se centrar em um acontecimento, programa ou fenômeno particular; a segunda envolve a descrição, o resultado da pesquisa consiste na descrição detalhada do assunto pautado; a terceira refere-se a explicação, o objetivo do estudo de caso é auxiliar na compreensão daquilo que se analisa, dessa forma busca obter novas interpretações e perspectivas, através de descobertas de novos significados e perspectivas; a quarta e última característica é a indução, o raciocínio indutivo é parte intrínseca do estudo de caso, a partir da análise dos dados busca-se identificar novas relações entre os elementos.

O projeto de pesquisa de um método de estudo de caso segundo Yin (2001, p.41) define-se como uma sequência lógica pela qual o pesquisador formula questões sobre determinado objeto e busca respondê-las no decorrer do projeto. O método pode utilizar diversas fontes de evidências como: vídeos, documentos, enquetes, observações, entre outros, esse método busca responder questões do tipo “como” e “porque?”. O objetivo da metodologia é conduzir o pesquisador através do processo de coletar, analisar e obter inferências. O estudo de caso é um método lógico que permite realizar interpretações entre as variáveis sob investigação. Diante disso identificamos quatro etapas metodológicas a serem seguidas: a) a primeira consiste em definir a questão de estudo, o que pretende-se responder com a pesquisa; b) identificar as proposições do estudo e através disso delimitar e criar caminhos para o projeto seguir; c) selecionar a unidade de análise, nesse momento deve-se limitar qual o caso a ser estudado e por quais meios chegaremos às inferências; d) por último temos a linearidade na relação entre a proposição dos dados e os critérios para a análise. Com base nisso, destacamos que a pesquisa é de caráter qualitativo e empírico, tendo sido construída a partir dessas quatro etapas metodológicas complementares e articuladas entre si a fim de aprofundar a discussão.

2.5 ANÁLISE: O DIABO X LUCIFER MORNINGSTAR

Através da formação teórica podemos identificar o imaginário do Diabo e suas origens, justificando os arquétipos que hoje compõem a sua imagem. Permitindo uma relação entre a história e o fenômeno contemporâneo *Lucifer* como propõe a metodologia. Na série assim como no Antigo Testamento o Diabo é reconhecido como um dos filhos de Deus. No Novo Testamento ele é reconhecido como príncipe dos demônios e na série é representado como príncipe do inferno. Nas tabuletas da antiga Mesopotâmia teremos referências do mundo como um lugar de opostos, no qual o bem e mal residiam e viviam em conflito, identificando o bem como os anjos e o mal como os demônios, tal crença mantém-se na série, reforçando com frequência o arquétipo de bem e mal e como ambas existem e influenciam o nosso mundo. Assim a série possui como base para a formação do Diabo os livros base para as três maiores religiões monoteístas do mundo, destacando que tais características são apresentadas na série como verdades absolutas e não questionamentos. Segundo o Antigo Testamento o Diabo é um filho rebelde, contestador, porém é obediente e submisso a Deus, tal representação manteve-se na série, *Lucifer* mesmo buscando questionar e desafiar Deus, o reconhece como autoridade máxima do mundo.

Em seguida na construção da história do Diabo, temos o conceito de “anjo caído” tal crença é reforçada e trabalhada na série das mais diversas maneiras. *Lucifer* assume seu papel de anjo e afirma que foi expulso do céu, por isso ele teria se tornado o príncipe do inferno e por isso este seria abaixo de nós,

para onde as almas são enviadas quando são más. A crença de que o Diabo possuiria asas de morcego e pele escamosa é muito antiga e tal representação manteve-se na série, na quarta temporada *Lucifer* é representado exatamente dessa maneira. Outro questionamento presente nas escrituras e reforçado na série é o livre-arbítrio, assim como na história o programa exhibe que Deus criou todas as criaturas boas e elas teriam o poder para escolherem seus caminhos.

Em 950 o monge Adso de Montier-en-Der escreveu a obra *Libellus de Antichristo*, que narraria o retorno do Diabo à terra, seus escritos consolidaram a imagem do Diabo como um ser inteiramente mal responsável por causar medo, terror e destruição. A série traz tais características presentes nas crenças do mundo no qual *Lucifer* vive, porém não as leva para a representação do próprio Diabo, este se atém às escrituras antigas bíblicas, muitas vezes até questionando que ele não seria o criador do mal no mundo, apenas um escolhido para punir aqueles que o fazem. Consolidamos a imagem do Diabo histórico e o Diabo de *Lucifer*, representando uma dinâmica entre os registros antigos das aparições do Diabo e a cultura e crença que se formou sobre essa entidade com o decorrer dos anos.

2.6 LUCIFER NOS REPRESENTA?

Para entender o sucesso de *Lucifer* no contexto contemporâneo atual, buscamos compreender quem é a nova sociedade e como ela se comporta, para isso recorreremos a definição de Bauman para a sociedade de consumo, trazendo características nas quais podemos embasar o sucesso mundial da série *Lucifer*. Para o autor a sociedade atual é totalmente baseada nos desejos e anseios de seus indivíduos, associados diretamente a felicidade, resultando assim em um sociedade que busca diariamente a satisfação. Tais características são representadas através do personagem *Lucifer*, vivendo a vida de forma niílista e hedonista, ele busca saciar seus desejos e vontades.

O tempo é a maior preciosidade do mundo e por isso as pessoas passaram a viver a vida como se ele não existisse, exemplo disso é a necessidade de satisfazer desejos o mais rápido possível, tudo aquilo que representa uma demora é uma ameaça a essa nova cultura. O personagem *Lucifer* não deveria estar na terra, ele deve voltar para o inferno, logo seu tempo aqui é precioso e único e assim como nossas vidas, possui um prazo de validade, outra característica da sociedade de consumo, nada foi feito para durar, tudo deve ser reciclado e recriado. Assim para suprir nossos impulsos, compulsões e vícios o excesso e o desperdício tornaram-se o propulsor da sociedade de consumo. Tudo isso é refletido e representado pelo personagem, que gerencia uma boate e gasta dinheiro de forma irresponsável, não preocupando-se com o amanhã ou com as consequências, vivendo uma vida agorista e urgente. *Lucifer* encontra sua felicidade no excesso e no desperdício, assim como o marketing e a publicidade prometem na sociedade de consumo. Segundo Bauman (2007), talvez essa sociedade seja a única na história humana

a prometer felicidade na vida terrena, aqui e agora e a cada “agora” sucessivo. Dessa forma se essa felicidade está associada aos desejos e aos excessos, o Diabo é a melhor representação de como ser feliz. Logo a infelicidade se torna algo a ser rejeitado em nossa sociedade, isso é refletido em *Lucifer* a partir do desenvolvimento de seus problemas psicológicos explorados na terapia, questões associadas a aceitação e pressão familiar são trazidas à tona em quase todos os episódios.

Nesse ambiente consolida-se a individualização, mascarada com a ideia de liberdade o indivíduo desenvolve uma vida autocentrada e egoísta. Essa falta de sentimento coletivo é representado pela submissão a dogmas religiosos. Ao mesmo tempo toda essa construção depende do reconhecimento do outro como tal. Assim *Lucifer* mesmo que posicione-se como um personagem auto dependente, satisfeito e completo, o próprio arquétipo do amor próprio, ele o faz para provar-se para o outro. Para Bauman nunca construiremos nossa imagem apenas para nós mesmos, nós nos criamos no outro, é através do que o outro não é que eu poderei ser o que sou. Assim a vida social empírica é um conjunto de expressões de sentimentos de pertencimentos sucessivos. Construimos nosso eu na sociedade do consumo através de escolhas, ganhamos o poder de fazê-las e associamos isso a liberdade, porém fazer escolhas é algo obrigatório nessa sociedade, dessa forma identificamos mais uma relação com a série que discutirá incessantemente as questões do livre-arbítrio.

A sociedade de consumo revoga o significado de dois conceitos, duração e efemeridade, degrada-se a duração e exalta-se a efemeridade. O indivíduo na sociedade do consumo é por fim um indivíduo em movimento, onde o tempo é o responsável por ditar e direcionar todas as estruturas sociais, no sentido de sua preciosidade. Mesmo imortal o personagem *Lucifer* reflete sua preocupação com o tempo, este possui uma data de validade para estar na terra e por isso quer aproveitá-la ao máximo. Outra característica dessa sociedade é sua necessidade de estar à frente, nesse contexto estar à frente significa segurança e estabilidade, características ausentes no cenário atual. Porém resgatadas talvez de forma inconsciente pela série, por mais que ela represente todas as faces da sociedade da efemeridade ela possui base religiosa, enraizada nos conceitos e crenças mais antigos, logo surge um indício do desespero da sociedade contemporânea por encontrar algo seguro e estável e tal fator revela-se na série através de seu apelo religioso, mesmo propondo uma releitura do Diabo, *Lucifer* não questiona a existência de Deus e seus poderes, pelo contrário ele reforça a existência de bem e mal, céu e inferno, até mesmo a ideia de punição e pecado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lucifer é construído como um personagem niilista e hedonista, refletindo a nossa sociedade de efemeridades, é narcisista e necessita constantemente da aprovação alheia, ele se molda para o outro.

Lucifer como reflexo da nossa sociedade atual nos proporciona a capacidade de observá-lo e analisá-lo, nesse sentido acreditamos que nós humanizamos o Diabo - nós como sociedade, pois é impossível um produto midiático distanciar-se totalmente de seu público, logo Lucifer é fruto das estruturas sociais e reflexões contemporâneas - reconhecemos Lucifer como um ser mal compreendido, com emoções e dúvidas, em conflito com seus sentimentos e desejos, com o bem e o mal dentro de si.

Esse imaginário do conflito entre o bem e o mal dentro de nós tem origens muito antigas e já foi demonstrado das mais diversas maneiras, Yin e Yang⁶, a fábula dos lobos dos anciões Cherokee⁷, existem várias teorias de que diariamente estamos em conflito sobre o certo e o errado e seria impossível sermos definidos por um só. Quando reconhecemos o Diabo desta maneira este é igualado ao espectador, existe compaixão e semelhança, nos vemos em Lucifer. O personagem representa com louvor a sociedade de efemeridades e também representa o desespero dessa nova era por segurança e estabilidade, visto que trata-se de uma série fiel aos princípios religiosos mais antigos já conhecidos. Ao tentarmos reconhecermos Lucifer como um de nós, do outro lado revelamos um desejo demasiadamente humano, o anseio de podermos nos reconhecer como anjos, o egocentrismo. Nesse sentido mesmo que a série Lucifer proponha uma releitura do Diabo mais moderna ao mesmo tempo ela dissemina as crenças religiosas mais antigas do mundo e as reafirma como verdades absolutas.

4 REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. *Antigo e Novo Testamento*. Tradução da Vulgata Latina. São Paulo: Novo Brasil.

BAUDELAIRE, Charles Pierre. *Le Joueur Généreux*. New York: Gramercy Books, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERTMAN, Stephen. *Hyperculture: the human cost of speed*. Westport, CT: Praeger, 1998.

DRAVET, Florence; CASTRO, Gustavo de. O imaginário do mal no cinema brasileiro: as figuras abjetas da sociedade e seu modo de circulação. *E-Compós*, 2014.

DUARTE, Marcia Yukiko. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.) *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas S. A., 2005.

GARDNER, Laurence. *O Diabo revelado*. São Paulo: Madras, 2013.

GOODE, William J.; HATT, Paul K.. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Nacional, 1979.

⁶ Com base no taoísmo representam a dualidade do universo.

⁷ Conto antigo contado pelos anciões Cherokee no qual existem dois lobos dentro de nós, lutando diariamente, um personifica o bem e o outro o mal, segundo a lenda vencerá aquele que alimentarmos.

LUCIFER (Temporada 1 - 4). Direção: Tom Kapinos. Estados Unidos: Netflix, 2019. Disponível na Netflix.

MAFFESOLI, Michel. *L'instant eternal. Le retour du tragique dans les sociétés postmodernes*. La Table Ronde, 2000.

MORIN, Edgard. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Trad.: Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MORIN, Edgard. *O método 1: a natureza da natureza*. Trad.: Ilana Heineberg. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.

RUSELL, Jeffrey Burton. *Satan: the early christian tradition*. New York: Cornell University Press, 1987.

STAKE, Robert E. Case studies. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.) *Handbook of qualitative research*. United States of America: Sage, 1994.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman. 2001.

Title

The post-life of the myth: Consumption and crossroads of the Devil in the *Lucifer* series.

Abstract

Since the beginning of time, the Catholic Church has built the entity Devil as responsible for all the evil in the world. Such representation has persisted over the years, changed and resignified, reaching today the most recent construction of the Devil through Netflix's *Lucifer* series. Given this scenario, the objective of this article is to understand the effects and reasons for the success of the series. We seek to relate the historical Devil to the character of the series; identify which characteristics of contemporary society stand out in *Lucifer*; and analyze the reconstruction of the Devil's imaginary. To achieve these objectives, we used the case study methodology, carrying out an analysis that sought to obtain new perspectives and reflections between the object and the theory.

Keywords

Devil; *Lucifer*; Myth; Imaginary.

Recebido em: 02/03/2020.

Aceito em: 19/03/2020.